INSIGHT

carioquice

publicação trimestral . ano x . n:39 . out/nov/dez 2013
ISS 1981-6049

"É com esse que eu vou, mas quebra, quebra que eu quero ver"
apud Pedro Caetano

andré midani
o lado b das canções

publicação trimestral . ano x . n:39 . out/nov/dez 2013

carioquice

Educação

Cultura

Bike

Esporte

#issomud

Banco Oficial da Copa do Mundo da FIFA 2014™
e da Seleção Brasileira de Futebol

AFRICA
Ler para uma criança muda o mundo dela e o seu ao mesmo tempo_
Por isso estimulamos a leitura, e já oferecemos mais de 30 milhões de livros com o Programa Itaú Criança_
aomundo
Incentivamos o adulto a ler para uma criança porque essa atitude aproxima os dois, torna as crianças mais felizes e melhora a sua capacidade de compreender o mundo. Crianças que crescem ouvindo histórias aumentam o seu vocabulário e se desenvolvem melhor. E crianças plenamente desenvolvidas podem mudar seu futuro e mudar o mundo inteiro para melhor.
Quer saber mais? Acesse www.itau.com.br/issomudaomundo
Conte com o Itaú para mudar o seu mundo_:-)
Itaú. Feito para você.
Itaú

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 39 OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2013
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

6 Confeiteiro de estrelas

18 Noel, da Vila para a Urca

Cidade Maravilhosa

22 A Botafogo, com carinho

28 Até parece que foi ontem

Do bem comer e melhor beber

36 Paraísos para as papilas

Magia do olhar

40 Pro dia nascer feliz!

Causos e letras

48 A dama da noite

56 Fiorentina, aqui me tens de regresso

Embaixador do Rio

64 Sou tricolor de coração
Por Wagner Victer

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTERES
João Penido
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli

DESIGNERS
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

CONSULTORIA DIGITAL
Camila Brandão

REVISÃO
Denise Scofano Moura
Geraldo Rodrigues Pereira

CAPA
Adriana Lorete

IMPRESSÃO
Walprint

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Pla
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Antonio Guaraná
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marco Antonio Bologna
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga ✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer ✞
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães ✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vitor Lemos
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12° andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 · Consolação
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Esquina do Ricardo

O conselhão

Não gosto de dar conselhos. Apraz-me mais ouvi-los, meditar sobre eles, compará-los e extrair-lhes alguma conclusão. Voltaire observou certa vez que mais valia ter ouvidos atentos que uma língua desatenta. É exatamente ouvir conselhos, mas também prestar conta das ações da cidade, a que se propõe nossa Prefeitura ao criar o Conselho da Cidade.

Esse nome abrangente é para ser isso mesmo: abrangente. Eduardo Paes imaginou uma grande reunião de personalidades cariocas para, de tempos em tempos (e muitas vezes ao ano), trocar ideias sobre todos os ramos da administração do Rio, desde obras públicas, saúde, educação até a cultura.

Há dias, participei pela terceira vez deste último segmento nos belos salões do Palácio da Cidade e pude me inteirar de tudo o que já está acontecendo e do que ainda está por vir.

Fiquei especialmente impressionado com as novas definições de projetos culturais incentivados pelo ISS. Como se sabe, a fonte principal de incentivos fiscais sempre foi a Lei Rouannet, a partir da abdicação de percentuais do Imposto de Renda Federal. A seguir, vieram os incentivos promovidos pelo Estado do Rio a partir do ICMS.

O município começou muito timidamente há anos. Agora, não apenas o volume de recursos para a produção cultural aumentou muitíssimo, mas também a metodologia de aplicação e gestão dos projetos apresentados aperfeiçoou-se, modernizou-se, tornou-se menos burocrática, mais descomplicada.

Digo isso e daqui faço este registro de esperança, porque desde sempre nós, os produtores culturais, nos queixamos dos recursos parcos, tímidos e até ridiculamente irrisórios para o campo essencial que é esse, a face mais fraterna e consolidadora de qualquer país que se preze.

Ora, uma cidade como o Rio, capital de sempre do afeto de todo um país, apresenta suas diversidades culturais como a síntese do Brasil. E estava mesmo a merecer ações pontuais de incentivos e estímulos. Abraçar a cultura é reativar e preservar o que de melhor qualquer povo pode ostentar.

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

YAYOI KUSAMA
Obsessão infinita

Curadoria: Frances Morris e Philip Larratt-Smith

Até 20/1/2014 – CCBB Rio de Janeiro – Entrada franca

Rua 1º de Março, 66 – Centro • Quarta a segunda (fecha apenas terça-feira), das 9h às 21h
Informações: (21) 3808-2020 – **bb.com.br/cultura** **@ccbb_rj** **/ccbb.rj**
SAC **0800 729 0722** • Ouvidoria BB **0800 729 5678** • Deficiente Auditivo ou de Fala **0800 729 0088**

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

CENTRO CULTURAL

Realização

Ministério da **Cultura**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Confeiteiro de estrelas

por **Mônica Sinelli**

Personagem de proa na indústria fonográfica nacional entre as décadas de 1960 e 1990, ele participou ativamente da gênese de movimentos como a Bossa Nova, a Tropicália e o rock verde e amarelo. Acaba de inaugurar exposição temática sobre sua vida no Instituto Cravo Albin. Aos 81 anos, André Midani conta histórias fantásticas de uma vida que daria uma ópera. Do vinil à nuvem cibernética, o som do "patropi" se propagou pela frequência modulada do gringo visionário. *Et voilà, Monsieur Musique!*

"Uma pessoa nascida na Síria, com passaporte brasileiro, que mora em Nova York, que vem de Medellín e passa pelo México, que diz trabalhar com música e que fala espanhol com sotaque francês... não pode ser uma pessoa confiável!" A síntese, acompanhada de um sorriso irônico, foi extraída por uma policial mexicana, ao conferir no aeroporto o documento diplomático e interrogar o já poderoso mandachuva da Warner. E, também, protagonista do artigo "André Midani, o agente secreto da CIA", assinado por Glauber Rocha no *Jornal do Brasil*.

Para o cineasta baiano, aquele desertor da Guerra da Argélia — que presenciara *in loco* na Normandia o Dia D, em 1945, e chegara ao Rio de Janeiro dez anos depois para sacudir a indústria fonográfica brasileira, dentro de uma multinacional — só poderia personificar um elemento do imperialismo ianque infiltrado no *showbiz* tupiniquim. Espião, aliás, em dose dupla, posto que, na ótica do regime militar, o comandante da gravadora Phonogram tinha tudo para encarnar um representante de Moscou, ao reunir em seu quartel-general um elenco de perigosos subversivos — Chico Buarque, Caetano, Gil, Raul Seixas, Nara Leão & cia. E, audácia suprema, mantendo os que foram exilados sob contrato e produzindo lá fora.

O fato é que a história de André Haidar Midani daria uma ópera monumental. O menino, nascido em Damasco e batizado na catedral de Notre-Dame, imigra para a França aos três anos de

Fotos: Arquivo Pessoal

Confraternizando com o Barão Vermelho

Com Elis Regina

idade. Dos 16 aos 19, trabalha como confeiteiro na loja da mãe — que na infância o penteava *a la* Shirley Temple — na Normandia. Em 1952, arruma um emprego como apontador de estoque e vendedor na filial da Decca Records em Paris. Três anos mais tarde, fugindo da Guerra da Argélia, toma um navio para vir morar na Argentina. "Entretanto, quando atracamos para a escala no Rio de Janeiro, achei tudo tão bonito que desembarquei. Acho que todo brasileiro deveria um dia pegar um barco, navegar até uns 50 km da costa, só para poder entrar de novo na baía de Guanabara. Isso é uma das coisas mais incríveis do mundo — e que me chamou, inexoravelmente, a atenção. Resolvi permanecer na cidade. Foi uma decisão, no fim das contas, louca, mas, ao mesmo tempo, sábia, porque a vida se mostrou muito generosa comigo no Brasil", conta Midani, na varanda de sua casa, incrustada no verde do alto da Gávea.

Golpe de sorte

Instalado num hotel "baratinho" da praça Mauá, o gringo recém-chegado pesquisa, nas famosas Páginas Amarelas, a relação de gravadoras existentes e bate um fio para a Odeon. A telefonista, por causa da comunicação em inglês, toma-o por um funcionário da matriz europeia e transfere a ligação à secretária do presidente, que agenda uma entrevista na companhia. Desfeito o equívoco, o encontro se converte na incumbência de criar aqui o selo Capitol, centrando-se nos lançamentos do *cast* internacional.

"Foi um golpe de sorte. Estavam precisando de uma pessoa para se dedicar a um repertório no qual eu era especialista — a canção norte-americana mais refinada, feita por astros como Frank Sinatra e Nat King Cole. O Brasil configurava um país tão insular que, afora o chamado *high society*, tinha pouquíssimo contato com essa música considerada de elite. Na época, o que se escutava vindo do estrangeiro se resumia a boleros e fados. E não havia uma produção essencialmente nacional voltada para a juventude", relembra.

Corre o ano da graça de 1958, e nosso forasteiro vaga solitário no mercado — ninguém se interessa em receber aquele "tipo diferente", segundo a definição do próprio. Porém, de novo, o inesperado faz uma surpresa. O fotógrafo Chico Pereira, da revista *O Cruzeiro*, apresenta-o,

Em 1968 Midani assume a presidência da Philips e enxuga o *cast* de 155 para 50 artistas, entre estes, os estelares Caetano, Gil, Gal, Elis, Nara e Edu Lobo

em seu apartamento na avenida Copacabana, a uma turma formada por Nara Leão, Roberto Menescal, Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli e Oscar Castro Neves. Ao ouvir aquela sonoridade *cool* — a que logo se somaria João Gilberto, introduzido por Dorival Caymmi, e Tom Jobim, autor de arranjos para orquestra na Odeon —, Midani vislumbra a tal música brasileira voltada aos jovens de que tanto se ressente. E, já como diretor de promoção da gravadora, decide, ao lado de Aloysio de Oliveira, o produtor artístico, lançar a Bossa Nova no mercado.

Puro entusiasmo, convoca uma reunião com os chefes de venda e põe para tocar o acetato de *Chega de saudade*, de Tom e Vinícius, na voz de João Gilberto. "Eu achava essa canção uma maravilha do sétimo céu. No entanto, fez-se um silêncio total. Nervoso, porque a receptividade não correspondia à que esperava, ouvi do diretor comercial: 'Desculpe, mas você está louco. Isso é música para veado!' Foi a primeira tentativa de lançar o João. Enfrentamos uma resistência feroz, pois se tratava de uma mudança de paradigma dura de engolir por parte das mídias." E que se transmutará numa iguaria de exportação nas mãos do novo confeiteiro de bolachas de vinil.

time de sonhos

Em 1960, Midani inaugura a Imperial, uma companhia bancada pela Odeon e que vende discos de porta em porta, surpreendentemente, até ultrapassando os números da própria nave-mãe e se ramificando pela América Latina. O sucesso lhe rende o convite para implantar a Capitol no México e em Los Angeles.

Oito anos mais tarde, assume a presidência da Philips (depois, Phonogram, PolyGram e atual

Midani com João Donato

Recebendo prêmios com o músico e produtor Liminha

Ao começo desse 2014, será estudado por colegiais na exposição do ICCA: a primeira sobre um produtor fonográfico.

Universal Music), no Brasil, com a missão de transformar o quadro financeiro de deficitário em lucrativo no triênio. Instala Armando Pittigliani na chefia do Departamento de Divulgação, Promoção e Marketing e Menescal, na direção artística da casa; papel que, segundo pensa, deve ser desempenhado por um músico. Enxuga o *cast* de 155 para 50 artistas, entre estes, os estelares Caetano, Gil, Gal, Elis, Nara e Edu Lobo, e contrata nomes como Chico Buarque, Maria Bethânia, Vinícius e Toquinho, Jorge Ben, Tim Maia, Macalé, Raul Seixas e Luiz Melodia. De quarta colocada, a agora Phonogram lidera o *ranking* nacional das companhias de disco.

No início dos anos 1970, contudo, vários artistas partem para o exílio. "Fui a Brasília e conversei com os embaixadores da Holanda e da Alemanha, em razão de representarem os países a que pertenciam as duas empresas, donas da gravadora Phillips e Siemens, respectivamente. Aleguei que vivia um problema gravíssimo, com quatro dos meus principais artistas deportados por causa do regime de exceção — e, naquele tempo, não se podia remeter dinheiro para gravar lá fora. Resolveram me ajudar. A Holanda dispunha de um fundo para apoiar grupos antiditatoriais da América Latina. E a Alemanha, embora sem disponibilizar recursos financeiros, simpatizava com movimentos de subversão à ordem militar. Assim, conseguimos fazer os discos de Caetano e Gil, em Londres; Chico, em Roma; e Nara, em Paris."

Com a trupe degredada de volta à terrinha, a TV Globo decide não mais realizar os célebres Festivais da Canção, que haviam projetado a linha de frente comandada por Midani. "Além de os músicos, já estabelecidos, não pretenderem seguir concorrendo, os custos dos festivais eram altíssimos. Mas alguns deles, receando o vazio deixado pela competição, sugeriram que se buscasse um substituto criativo. Organizamos, então, o Phono 73, evento que reuniu todo o *cast* da gravadora entre 10 e 13 de maio daquele ano, inaugurando o Centro de Convenções do Anhembi, em São Paulo. No formato concebido, cada um interpretava uma música conhecida, uma nova e a terceira, ao lado de outro colega." Foram lançados três discos com o precioso material das noites que se notabilizaram pelo tom político em tempos de chumbo, a ponto de Chico Buarque e Gilberto Gil terem seus microfones cortados pela censura em *Cálice*, recém-composta por ambos.

Comendador da Legião do Acetato

1976. Hora de bater asas e ousar caminhos diferentes, mais uma vez. "Na já então Polygram me pagavam mal — e nunca me entenderam. Eu era o único gerente da rede mundial que não usava terno e gravata. Não exibia o perfil convencional. Ainda que gerasse grandes lucros, não me viam na condição de uma pessoa razoavelmente séria: me olhavam como um bicho que provocava insegurança, desconfiança, até em decorrência da minha relação de proximidade com os artistas. Quando a Warner se instalou no Brasil, eu já conhecia muita gente na companhia, onde só se falava de música. Achei que estaria em família e fui para lá. Levei Elis, Gil, Tom Jobim, Hermeto Pascoal, Paulinho da Viola, Ney Matogrosso, Baby Consuelo, Pepeu Gomes, Marina Lima, A Cor do Som e Frenéticas. E, numa fase transitória do que viria a ser a música brasileira na década de 1980, Lulu Santos, Titãs, Ultraje a Rigor, Ira! e Kid Abelha — extremamente rejuvenescedores. Viramos uma companhia roqueira."

Em 1985, André Midani implementa a empresa na Argentina e, no ano posterior, no México. Transfere-se para Nova York, em 1990, ao assumir, sucessivamente, a presidência da

"Eu não exibia o perfil de gerente convencional. Ainda que gerasse grandes lucros, não me viam na condição de uma pessoa razoavelmente séria"

Warner para a América Latina e da Warner Internacional. A partir de 2000, passa a integrar o Conselho Consultivo da gravadora e, dois anos depois, volta a morar no Brasil, atuando na área promocional e financeira da ONG Viva Rio. Um chamado irrecusável, porém, o tira da entidade, ao receber do então ministro da Cultura, Gilberto Gil, a função de Comissário Geral do Ano do Brasil na França, em 2005.

O ano em questão, a propósito, torna-se especialíssimo para o *pâtissier* de doces bárbaros: ele é condecorado com a Légion d´honneur pelo governo Jacques Chirac e completa cinco décadas de Brasil. A efeméride ganha festança em alto estilo no Golden Room do Copacabana Palace, com a presença de seus artistas e amigos da vida inteira. E, também, um capítulo na autobiografia *Música, ídolos e poder — Do vinil ao download* (Nova Fronteira), no qual "buscou manter o equilíbrio entre o sagrado (a música) e o profano (o lucro)". Lançada em 2008, sai de circulação dois meses — de ótimas vendas — depois, por ação judicial da filha de um dos personagens retratados. O conteúdo integral do livro, povoado de histórias rocambolescas, é disponibilizado numa página da internet (http://www.andremidani.net).

O autor reconstitui um dos episódios dignos da mais inverossímil ficção de suspense e aventura: "Eu estava conversando com Astor Piazzolla e seus músicos, após um concerto que haviam realizado num teatro de Caracas. De repente, um grupo de jovens guerrilheiros encapuzados invade o camarim, avisando: 'É um sequestro, não vai acontecer nada de mal a vocês.' E nos levaram de carro a uma aldeia distante uns 50 km, de arquitetura camponesa, com pracinha e igreja. Disseram: 'Não se preocupem. Vivemos isolados aqui, com muita pressão. Admiramos Piazzolla e só queremos que toquem para nós.'"

Encerrada a insólita apresentação, todos foram libertados. Sã e salvo, hoje, aos 81 anos, o marido da estilista e produtora Gilda Midani —

de quem herdou os filhos de seu primeiro casamento, João Vincente e Ana —, pai do engenheiro de gravação Antoine e do cenógrafo Philippe, segue firme e forte, colhendo as doçuras da profissão de confeiteiro de biscoitos finos. Em breve, encarnará a si próprio — o mestre de cerimônias de um filme a ser dirigido por Andrucha Waddington, que retratará o rio, caudaloso, da música brasileira que passou em sua vida.

CAPÍTULO 53 – AUTOBIOGRAFIA "MÚSICA, ÍDOLOS E PODER – DO VINIL AO DOWNLOAD"

"Nunca fui de dar festas de aniversário. Recordo-me somente de uma, celebrando meus cinquenta anos, há muito tempo. E é só. No entanto, cinquenta anos de Brasil sempre me sugeriam uma celebração, seja pela ternura de haver vivido e haver participado tão intensamente da vida musical do país, ou mesmo por achar que, se até hoje se festejava a descoberta do Brasil há quinhentos anos, por Pedro Álvares Cabral, por que não fazer o mesmo com a descoberta do Brasil, cinquenta anos atrás, pelo André Midani?

Essa ideia vinha brotando na cabeça da Gilda havia já algum tempo. Ela tinha consultado Flora Gil e Leonardo Neto, e um belo dia, à hora do jantar, declarou:

— Vai ter festa sim! Ela é merecida! Eu organizo. Será um jantar com umas cem pessoas. E não te preocupes com o custo, que eu resolvo... A gente não gasta dinheiro com joias e nem na roleta em Las Vegas. A gente pode gastar para festejar um acontecimento tão importante da tua vida. Vai sair bem barato!

Sendo produtora experiente, Gilda montou um grupo de trabalho constituído por Márcia Braga, Virginia Casé, Leonardo Neto, Erasmo Carlos, Alice Pellegatti, Carolina Jabor, Dora Jobim, Luiz Eduardo Guinle, Frejat, Edgard Otavio e Antoine Midani. E todos foram à luta para a festa sair linda e quase barata.

Eu ainda andava ocupado com 'O Ano', de tal maneira que a ação desse grupo de trabalho

Em breve, Midani encarnará a si próprio: o mestre de cerimônias de um filme que retratará o caudaloso rio da música brasileira que passou em sua vida

andou quase que clandestinamente para mim... Eu sabia que seria um jantar para cem pessoas e,'lá com os meus botões', realmente temia que as tais cem pessoas tivessem outra coisa melhor para fazer do que ir ao tal jantar. No entanto, comecei a descontar do tamanho da encrenca ao ver, poucos dias antes da data marcada, o convite — uma produção do João Vicente de Castro, meu enteado, com a equipe de criação da W/Brasil e texto do Nelson Motta —, que era uma cópia sofisticada do meu passaporte sírio, com o qual eu tinha entrado no Brasil, cópia que as recepcionistas iriam carimbar como se fossem da Polícia Federal, na entrada dos convidados no Golden Room do Copacabana Palace!!! Pensei: 'Não se imprimem apenas cem desses convites... E o Golden Room é grande demais para cem pessoas... Alguém está me enganando, com certeza!'

O convite marcava 20h e, fato inédito nos costumes cariocas, às 20h15 já havia mais de cinquenta pessoas na antessala do Golden Room — decorada com velas, tecidos transparentes e poltronas confortáveis, tudo branco. Os garçons serviam *proseccos* da melhor qualidade e, a cada instante, chegavam artistas, amigos e antigos colaboradores. Eu — e meus atávicos receios — olhava espantado e, sobretudo, aliviado, ao ver entrar Nelson Motta, Roberto Oliveira, Pena Schmidt, Liminha, Patrícia Travassos, Armando Strozemberg, Mesquita Andrade, Claudia Lisboa, Gilda Mattoso, Tia Léa, Sergio Chermont de Britto, João Carlos Müller, Emílio Kalil, Kika Seixas, Guto Graça Mello, Ricardo Garcia, Jodele Larcher, Rubem César, Ana Fonseca, Ana Tranjan, Ronaldo Bastos, Tárik de Souza, Antonio Carlos Miguel, Moema Salgado, Monica Silva, Carlos Sion, Suely Aguiar, Jean Gautier, Rubens Richter, Zé Hugo Celidônio, Mazzola, Claude Amaral Peixoto, Sergio Affonso, Carmela Forsin, Tom Leão, Harumi, Beto Boaventura, Juca Kfouri, Armando Pittigliani, Cristina Doria, Zuenir Ventura e Mary, Carol Jabor, Márcia Braga, Virginia Casé, Marcos Azambuja, Vera Perestrello, Mônica Neves, Chico Neves, Inácio Neves, Luiz Zerbini, Paulinho Tapajós, José Kalil Filho, Gloria Kalil, Washington Olivetto, Thomaz Souto Corrêa, João Donato, Menescal, Carlos Lyra, Marcos Valle, Bebel Gilberto, Erasmo Carlos, Zezé Motta, Wanderléa, Marina Lima, Umberto Contardi, Hermeto Pascoal, Ezequiel Neves, Dadi e A Cor do Som, Barão Vermelho, Frenéticas, Kid Abelha, Titãs, Suzana de Moraes, Jorge Ben Jor, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Philippe e Antoine Midani, Ana de Souza Dantas, João Vincente de Castro e tantas outras pessoas que a emoção daquele momento não me deixa recordar agora..."

monicasinelli@globo.com

Carioca entende tudo de praia. E, por isso, entende como ninguém a importância do Programa Sena Limpa.

agencia3

Conheça os Projetos Socioambientais da CEDAE.

O Programa Sena Limpa está modernizando o sistema de esgotamento sanitário da Urca e da Praia Vermelha. Estão sendo investidos mais de R$ 7 milhões nesta região. Esse conjunto de obras irá melhorar a qualidade da água da Baía de Guanabara, contribuir para a melhoria das condições de balneabilidade destas praias, além de modernizar a Estações Elevatórias da Urca e do Forte de São João. O esgoto coletado tanto na bacia da Praia da Urca quanto na bacia da Praia Vermelha será conduzido à Estação Elevatória da Urca. Com capacidade para bombear cem litros por segundo, a unidade será modernizada e poderá operar com redução de consumo de energia elétrica e baixo nível de ruído. Em seguida, os resíduos serão encaminhados para a Estação Elevatória André Azevedo, tendo como destino final o emissário submarino de Ipanema. As intervenções na Urca deverão ser concluídas em 2014 e visam à preparação dos atuais sistemas para os próximos 30 anos. Compromissos assumidos pela Nova CEDAE, Secretaria de Meio Ambiente e Governo do Estado do Rio de Janeiro com a população carioca, para oferecer uma melhor qualidade de vida.

Não jogue no vaso:
Cotonetes | Absorventes | Fio dental
Pontas de cigarro | Fraldas

Não jogue na pia e ralos:
Restos de alimentos | Óleo de cozinha
Pó de café | Gordura | Cabelo

NOVA CEDAE

GOVERNO DO Rio de Janeiro

SOMANDO FORÇAS

FGV É LÍDER EM PESQUISA DA ÉPOCA NEGÓCIOS.

FGV, A INSTITUIÇÃO DE ENSINO NÚMERO UM NA FORMAÇÃO DOS CEOs DO BRASIL, SEGUNDO PESQUISA DA ÉPOCA NEGÓCIOS.

fgv.br

AS FEDERAIS FORMAM 26,7% DOS LÍDERES

MAS, ISOLADAMENTE, O MAIOR NÚMERO DE CEOS CURSOU A FGV (EM %)

NO EXTERIOR

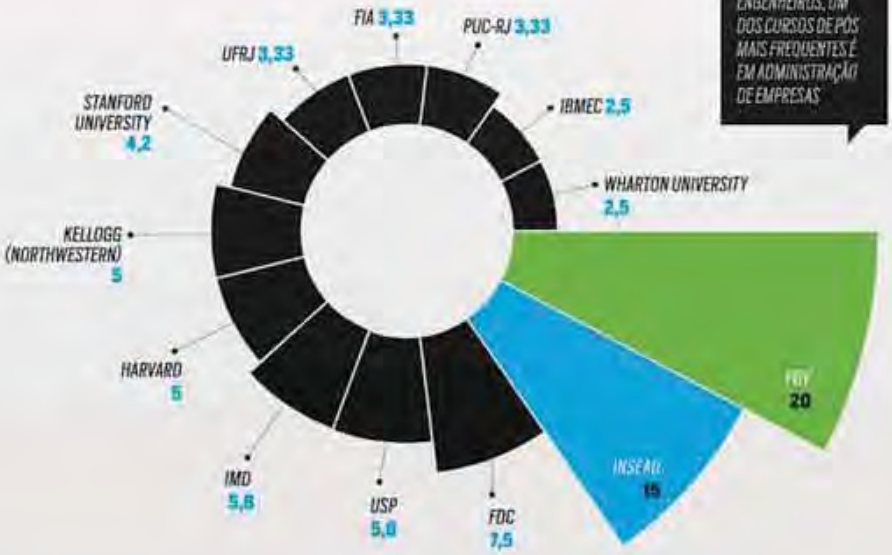
HELIO MAGALHÃES, DO CITI (GEORGE WASHINGTON UNIVERSITY), E RAPHAEL KLEIN, DA VIA VAREJO (FURD UNIVERSITY), FIZERAM GRADUAÇÃO FORA DO BRASIL.

FGV VENCE COMO PRINCIPAL ESCOLA DE PÓS-GRADUAÇÃO

INSEAD E IMD SÃO OS ENDEREÇOS PREDILETOS NO EXTERIOR (EM %)

SEGUNDO TEMPO

COMO A MAIOR PARTE DOS CEOS É FORMADA POR ENGENHEIROS, UM DOS CURSOS DE PÓS MAIS FREQUENTES É EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS



Revista Época Negócios, edição XXXIII - novembro/2013

FGV

Noel, da Vila para a URCA

por Kelly Nascimento

Ele cantou que, quando morresse, não queria choro nem vela. Pois bem. O poeta maior de Vila Isabel foi celebrado neste segundo semestre de 2013 pelo Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) com toda a pompa que um dos grandes compositores da Época de Ouro da música popular brasileira merecem. Não teve fita amarela, mas Noel Rosa foi homenageado com o relançamento do livro *No tempo de Noel Rosa – O nascimento do samba e a era de ouro da música brasileira*, pela Sonora Editora. E com uma exposição montada no ICCA a partir da obra. Venha pro samba, que Noel nos convidou!

O livro é um clássico de outro morador ilustre de Vila Isabel: Henrique Foréis Domingues, o lendário Almirante, amigo e parceiro de Noel Rosa. Ele acompanhou de perto a curta trajetória do artista. Foi ao lado de Almirante que Noel começou sua carreira, no Bando de Tangarás. E conviveu com ele até a morte do compositor, em maio de 1937. De volta às prateleiras 50 anos após a primeira edição, essa biografia oficial de Noel Rosa é inspirada em programas apresentados pelo próprio Almirante nos anos 1950 na Rádio Tupi do Rio. O material já havia sido adaptado para publicação na *Revista da Semana*.

Os estudiosos dizem que Noel abriu caminho para que uma parcela da população, antes ignorada, tivesse voz ativa no processo de construção da música brasileira. Filho de classe média, foi beber no repertório das camadas populares. Esse mergulho foi a marca registrada de sua meteórica trajetória.

O livro explica o porquê. "Entre tantos que podem falar de Noel Rosa, sou um deles. Conheci Noel pessoalmente em 1923 e depois o acompanhei durante toda a sua atividade musical e artística até seu falecimento. Suas primeiras apresentações em palco

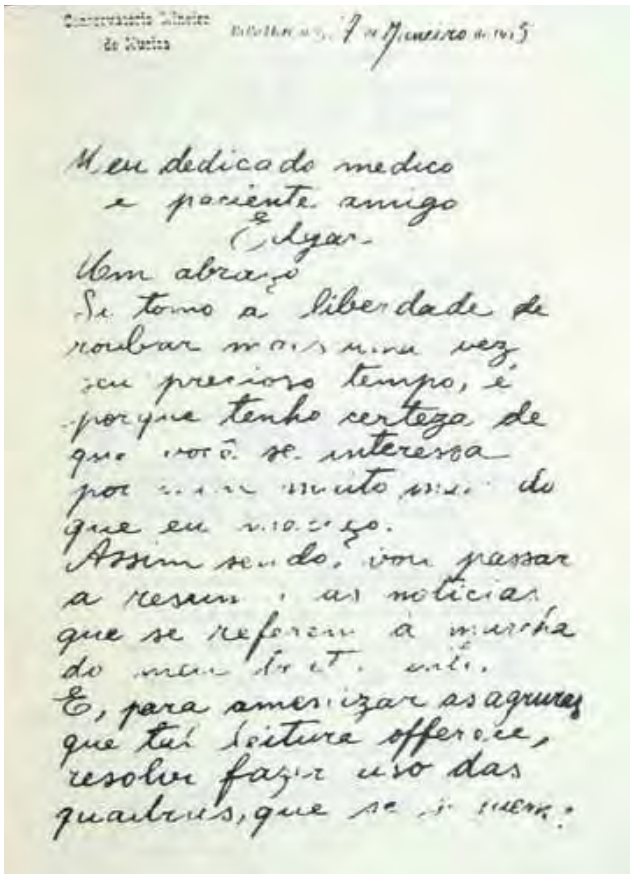
"Noel curtiu o pão que o diabo amassou em sua breve vida. Em troca de tanto sofrimento e da morte prematura, Noel ganhou dos céus a mais cobiçada das estrelas, a da posteridade"

Ricardo Cravo Albin
Presidente do ICCA

se fizeram em minha companhia. Gravei seu primeiro samba e possuo inúmeros manuscritos de suas produções, algumas ainda inéditas. Por minha iniciativa, ele trabalhou em emissoras do Rio e, numa delas, produziu esquetes e paródias de óperas e compôs uma opereta inédita até hoje", escreve Almirante no preâmbulo do livro.

Logo de início, ele apresenta as credenciais que o autorizam a contar a vida do amigo, a fim de

Quando Noel surgiu, o samba estava em processo de afirmação. Esse clima foi transportado para a exposição em cartaz no ICCA, de curadoria de Michel Jamel, sócio da Sonora Editora



Meu dedicado medico
e paciente amigo
Edgar.
Um abraço
Se tomo a liberdade de
roubar mais uma vez
seu precioso tempo, é
porque tenho certeza de
que você se interessa
por [illegible] muito mais do
que eu [illegible].
Assim sendo, vou passar
a resumir as noticias
que se referem à marcha
do meu [illegible].
E, para amenizar as agruras
que tal leitura offerece,
resolvi fazer uso das
quadras, que se [illegible].

Carta em versos enviada por Noel ao dr. Graça Melo, em 1935

Foto do casamento de Noel e Lindaura, em 1934

que sua existência seja mais bem compreendida e admirada. Biógrafo e biografado se conheceram em 1923, num negócio que envolveu a tentativa de compra de um projetor. Seis anos depois, estavam tocando juntos no Bando de Tangarás. O nome do grupo fazia referência a pássaros conhecidos por cantar e dançar em roda, com um deles ao centro. No repertório, sambas como *Façanha do Bando*, cuja letra dizia:

"Quando nós saímos do Norte
Foi pra no mundo mostrar
Como canta aqui nesta terra
Um bando de tangarás"

O Bando de Tangarás cantava ritmos diversos: de sambas a toadas, passando por lundus e cateretês.

Pouco tempo depois, Noel entra na Faculdade de Medicina para manter a tradição da família. Passou a frequentar o Café Nice, na avenida Rio Branco. Foi lá que compôs *Coração*, que disse ser um samba anatômico. Talvez ali estivesse sentenciada sua preferência: acabaria por desistir da medicina. "Prefiro ser um bom sambista a ser um mau médico", justificou.

Na obra, temos acesso a 76 marchas e sambas para carnavais compostos por Noel Rosa. Quando Noel surgiu, o samba estava em processo de afirmação. Esse clima foi transportado para a exposição em cartaz no ICCA, de curadoria de Michel Jamel, sócio da Sonora Editora. A mostra "No Tempo de Noel por Almirante" foi inaugurada em 26 e outubro. A cantora Ellen de Lima apresentou, no *vernissage*, canções de Noel e deixou o público encantado. O livro de Almirante foi lançado durante o evento.

"Noel Rosa está mais vivo do que nunca. Morto com apenas 26 anos de idade, o ex-estudante de medicina, boêmio e compositor nunca poderia imaginar que se tornaria um ícone brasileiro no século XXI. Noel curtiu o pão que o diabo amassou em sua curta existência. Em troca de tanto sofrimento e da morte prematura, Noel ganhou dos céus a chama tão cobiçada da posteridade. Hoje, talvez nenhum compositor brasileiro da primeira metade deste século seja tão reverenciado", enaltece Ricardo Cravo Albin, presidente do ICCA.

A exposição transporta Vila Isabel para a Urca. O universo do compositor está todo lá: as letras de música, os objetos pessoais e até o bar de Noel. Uma verdadeira viagem no túnel do tempo!

a Botafogo, com carinho

por João Penido

Uma homenagem a Oscar Niemeyer, um presente para o Rio, um marco do patrimônio arquitetônico da cidade e um impulso para a modernização de Botafogo. É o que representa o novo complexo da Fundação Getulio Vargas na Praia de Botafogo, formado por um lindo prédio de 19 andares e por um moderno centro cultural de três pavimentos, ambos projetados pelo genial arquiteto.

O novo prédio recebeu o nome de Torre Oscar Niemeyer e foi inaugurado no último dia 16 de dezembro, celebrando duas datas importantes: o aniversário de Niemeyer, no dia 15, e o da FGV, no dia 19. Trata-se de uma das últimas obras do arquiteto e a primeira inaugurada após sua morte, em 5 de dezembro de 2012, aos 104 anos.

Foi também Niemeyer quem projetou a sede da instituição, o Edifício Luiz Simões Lopes, de 14 andares, inaugurado em 1968, e que foi tombado pelo Patrimônio Histórico. Esse prédio está passando por um retrofit, em atendimento ao pedido de Niemeyer para que forme um conjunto homogêneo com a nova torre. A entrada já foi modificada. As obras devem durar oito meses.

O centro cultural, com as curvas que são a marca registrada de Niemeyer, deve ser inaugurado em abril próximo. Abrigará uma biblioteca, que terá uma parte física e outra digital, de modo a possibilitar consulta a seu acervo de qualquer lugar. "Pretendemos dotar o centro com uma das maiores bibliotecas virtuais do país, com o que há de mais avançado na modernidade", disse o presidente da FGV, Carlos Ivan Simonsen Leal.

Haverá ainda uma grande área para estudo, com computadores e rede wi-fi, e vários auditórios. O centro apresentará diversas exposições, abrindo espaço também para artistas emergentes.

O novo complexo traz benefícios que extrapolam a área de atuação da FGV. "Ele vai congregar um número expressivo de atividades não só no campo educacional, mas também nos campos cultural e empresarial", destaca o vice-presidente

Fotos: Américo Vermelho

Carlos Ivan Simonsen Leal, presidnte da FGV, e João Niemeyer, arquiteto e sobrinho de Oscar Niemeyer, no lançamento da Pedra Fundamental do Conjunto Arquitetônico da FGV

Há muitos anos que Botafogo não recebia um investimento de peso. O aporte total é de R$ 210 milhões, sendo R$ 112 milhões financiados pela Caixa Econômica Federal

da fundação, Sérgio Quintella. Ele adiantou que a FGV está conversando com a Prefeitura para adotar a praça em frente ao prédio, que deve ser transformada em uma área de lazer para os habitantes do bairro.

Há muitos anos que Botafogo não recebia um investimento de peso. O aporte total é de R$ 210 milhões, sendo R$ 112 milhões financiados pela Caixa Econômica Federal. Quintella informou que vários andares da Torre Oscar Niemeyer foram e ainda serão alugados por empresas, de modo a gerar renda para o pagamento do empréstimo da Caixa. Oito deles já foram alugados por uma grande construtora. "Serão alugados tantos andares quanto necessário para quitar o financiamento", disse.

Os andares não alugados serão utilizados pela fundação para sua expansão. Segundo o

"Pretendemos dotar o centro cultural com uma das maiores bibliotecas virtuais do país, com o que há de mais avançado na modernidade"

Carlos Ivan Simonsen Leal
Presidente da FGV

presidente Carlos Ivan, a receita decorrente dos andares alugados será utilizada para o pagamento da obra e para a produção de bens públicos (índices, pesquisas e bolsas de estudo).

As obras, a cargo da Carioca Engenharia, duraram três anos, sem registrar nenhum acidente de trabalho. Foram tomadas diversas providências para minimizar a emissão de carbono e tratar os resíduos de forma a evitar poluição. Até os pneus dos caminhões eram limpos.

A Torre foi erguida num terreno de 8 mil metros quadrados, próximo ao primeiro prédio. Cada andar tem mil metros quadrados. Há um pavimento de uso comum no primeiro andar, com restaurante para o público interno e salas de reunião. Dois andares no subsolo são de estacionamento, com 500 vagas no total. Foi feito um estudo sobre o impacto no trânsito, aprovado pela CET-Rio. A administração do estacionamento é da Estapar, vencedora da licitação, que tinha como um dos critérios o menor custo para o usuário. Haverá desconto para os alunos dos cursos noturnos de MBA.

Trata-se de um prédio de luxo, com materiais dos mais elevados padrões. Tem oito elevadores inteligentes, cada um com capacidade para 20

pessoas. É extremamente seguro, com dispositivo de detecção de incêndio e duas escadas independentes pressurizadas (a fumaça não entra) e proteção passiva (o fogo não passa de um andar para o outro).

Outros destaques da construção são as medidas de sustentabilidade adotadas. Parte da água utilizada no edifício é reaproveitada, reduzindo o consumo no local. A energia é distribuída ao longo dos andares por barramentos blindados, projetados para evitar, ao máximo, perdas na distribuição, com supervisão e controle incorporado na automação do prédio. O sistema de ar condicionado também é inteligente e regula a temperatura automaticamente, evitando gastos desnecessários.

Por conta disso, a Torre Oscar Niemeyer possuirá em breve o Selo Verde – certificado LEED, Leadership in Energy and Environmental Design, criado pelo United States Green Building Council (USGBC) para o desenvolvimento de edifícios de alta performance e ambientalmente sustentáveis.

O impacto econômico sobre o bairro será enorme. Pelos 20 mil metros quadrados de área da torre passarão por dia 2.500 pessoas, que lá estarão trabalhando quando todos os andares estiverem ocupados; fora os visitantes, que devem chegar a igual número. Trata-se de um público de alto poder aquisitivo, que certamente impulsionará o comércio nos shoppings, nas lojas de departamento, nos restaurantes e nos cinemas existentes nas proximidades da FGV.

O novo complexo foi idealizado por Niemeyer já na década de 1960. O projeto inicial tinha dois prédios, com lojas e apartamentos para professores, e foi recebendo alterações para se adequar aos padrões e às necessidades de hoje. O projeto do atual complexo data de 1999 e recebeu ajustes até o início das obras, em setembro de 2010.

A FGV vinha tentando construir o segundo prédio havia mais de 30 anos, mas uma mudança feita no Projeto de Estruturação Urbana (PEU) de Botafogo, em 1983, passou a proibir a construção de edifícios comerciais com mais de três andares no bairro. Depois de muito negociar, a fundação conseguiu que o prefeito Luiz Paulo Conde, que comandou a cidade entre 1997 e 2000, patrocinasse a aprovação, pela Câmara dos Vereadores, de legislação específica liberando a construção, o que ocorreu em 1999. Niemeyer, então com 92 anos, modificou o projeto.

Porém, o imbróglio não terminara. O Ministério Público Estadual, representando a Associação de Moradores de Botafogo, entrou na Justiça para impedir a obra, alegando que a exceção era inconstitucional. A decisão final só veio dez anos depois, em 2009, quando a obra foi liberada.

O projeto arquitetônico de 1999 foi mantido, mas modernizado. João Niemeyer, sobrinho de Oscar, participou de todas as adaptações do projeto e foi também o responsável pela decoração do *lobby*, de aspecto *clean*.

ESCOLHA PELOS NÚMEROS.

nbs

QUE TAL

60 ANOS

DE EXPERIÊNCIA NO CAPRICHO?

PARA ACOMPANHAR **1000** PONTOS DE VENDA

E DE SOBREMESA **1 BILHÃO** DE PRODUTOS VENDIDOS

16 MAIS UM OPCIONAL DE **SELOS ABF** DE EXCELÊNCIA EM FRANCHISING

O Bob's está fazendo 60 anos. E os franqueados só têm motivos pra comemorar. Além de ter vendido 1 bilhão de produtos, crescido 25% nos últimos 2 anos e ter 1000 pontos de venda, o Bob's foi 16 vezes premiado com o Selo de Excelência em Franchising da ABF. É que o Bob's faz questão de estar sempre ao lado dos franqueados, acompanhando a construção da loja, a compra de equipamentos, o treinamento e o dia a dia da equipe. Investir no Bob's é investir num negócio com 60 anos de garantia. **Acesse www.bobs.com.br/seja-um-franqueado e comemore com a gente.**

60 anos Bob's

ABF ABF ABF ABF ABF

SELO DE EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2003 ABF · SELO DE EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2004 ABF · SELO DE EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2005 ABF · SELO DE EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2006 ABF · SELO DE EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2007 ABF · SELO DE EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2008 ABF · SELO DE EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2009 ABF · ABF EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2010 · ABF EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2011 · ABF EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2012 · ABF EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2013

Até parece que foi ontem

por João Penido

"As good as new" é uma expressão inglesa que designa algo tão bom como se fosse novo. Aplica-se perfeitamente ao imenso Shopping Cidade de Copacabana, que se estende da Siqueira Campos à Figueiredo Magalhães e também é conhecido como "Shopping dos Antiquários", embora seja muito mais que isso. Inaugurado no início da década de 1960 pelo presidente JK, foi o primeiro com o nome de shopping, mas na verdade é uma galeria comercial. Suas lojas pertencem a várias pessoas físicas e ele é administrado como um condomínio.

No caso, até por dois. Há o condomínio do primeiro andar, bastante movimentado e mais popular, com centenas de lojas dos mais variados comércios, e o do refinado segundo andar, de menor movimento e pelo qual circula um público mais elitizado. É lá que estão os antiquários, as galerias de arte e o Theatro NetRio, tinindo de novo.

Aberto em abril de 2012, o NetRio está resgatando os tempos em que o shopping abrigava os teatros Opinião e Tereza Rachel e se destacou como um polo cultural da cidade (veja box no fim da matéria). Deu início a um processo de revitalização do shopping, trazendo grande e diversificado público ao local.

"O shopping melhorou duzentos por cento depois que a gente entrou. Antes, ninguém cobrava luvas para alugar uma loja, e hoje se cobra. Os aluguéis, que eram baratos, são agora três vezes maiores", diz o produtor cultural Frederico Reder, sócio com a irmã Juliana da Brainstorming Entretenimento, que arrendou o Tereza Rachel, efetuou uma reforma milionária no local e ampliou o espaço com a absorção de dois antiquários e um estúdio fotográfico vizinhos.

Não é para menos. Nos primeiros 500 dias de funcionamento do teatro foram realizados 89 espetáculos, em 735 apresentações assistidas por mais de 300 mil espectadores, informa Frederico, que se declara apaixonado pelo shopping e por antiguidades — é antigo frequentador da Feira da Praça XV e gosta de garimpar preciosidades também nos antiquários do shopping.

No NetRio funcionam duas salas: a Tereza Rachel, com 678 lugares, e a Paulo Pontes, com

102. Noventa por cento das sessões lotam. O musical "Cazuza – Pro dia nascer feliz", estava em meados de novembro com ingressos esgotados para as três semanas seguintes. Frederico acredita que será um fenômeno tão grande ou maior que o espetáculo anterior, "Tim Maia – Vale Tudo, o Musical".

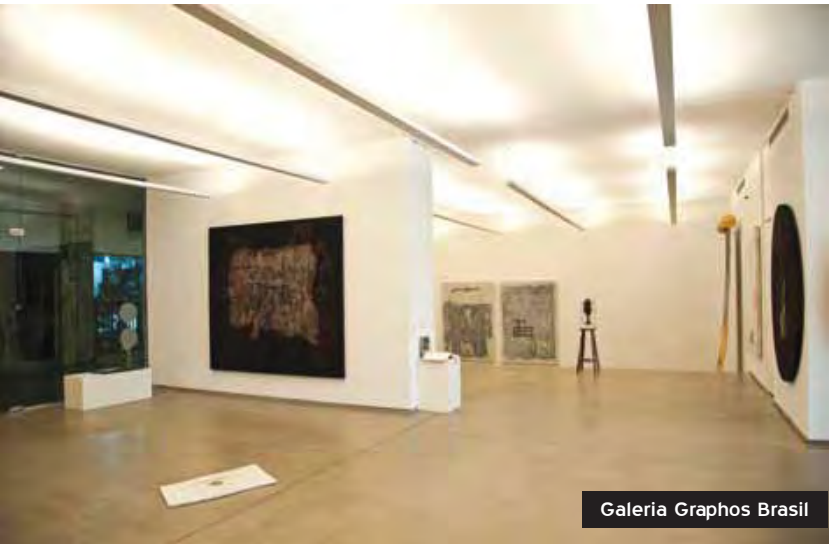
Ele sonha com a reabertura também do outro teatro que funcionou no shopping, em local hoje ocupado por um juizado especial. "Em breve a gente podia dar um jeito de revitalizar o Opinião. Seria mais um grande palco para o Rio. Apesar de ser um teatro de 300 lugares, foi muito importante para a história de Copacabana e da cidade."

Mas o predomínio do segundo andar é mesmo dos antiquários. O shopping tem a maior concentração, em um só lugar, desse tipo de lojas na América Latina. "Shopping dos antiquários" foi o

"Não compro nada em leilão. Adquiro tudo em casas de particulares. Os herdeiros procuram os antiquários e nós somos os primeiros a ser chamados"

Paulo Scherer,
proprietário da
Snob Antiguidades

Matta Discos


Galeria Graphos Brasil

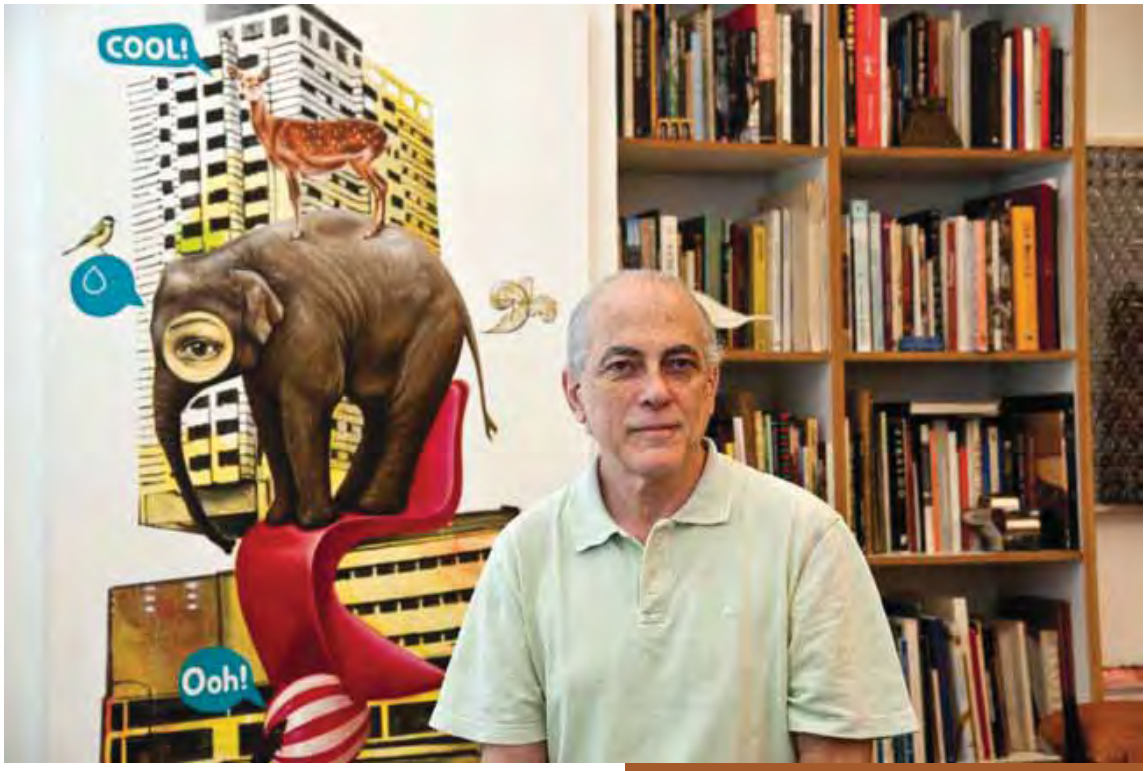
No antigo teatro Tereza Rachel, palco de alguns dos maiores shows das décadas de 1970 e 1980, funciona hoje o Theatro NetRio

nome fantasia dado ao segundo andar por Pedro Scherer, quando levou para lá, há 20 anos, o maior e mais famoso antiquário do Rio, a Snob Antiguidades, que antes funcionava na Rua Barata Ribeiro.

Pedro faleceu há dois anos e meio. Seu irmão gêmeo, Paulo Scherer, comanda hoje a Snob, marca que ele unificou com a de sua própria loja, a Scherer Antiques. Paulo conta como tudo começou. A família, de origem alemã, migrou para os Estados Unidos e depois para o Brasil e já está na quarta geração de colecionadores de obras de arte.

Há 40 anos, Pedro Scherer saiu de Novo Hamburgo com a intenção de abrir um antiquário ou uma galeria de arte em Nova York. No caminho, parou no Rio. Encantado pela beleza da cidade, resolveu passar um mês por aqui e alugou um apartamento na Rua Mascarenhas de Moraes. Um dia, ao descer a rua para pegar um táxi na Barata Ribeiro, deparou-se com a Snob Antiguidades. Entrou, achou o dono muito simpático e passou a trocar ideias com ele. Ao final, foi convidado a entrar de sócio na loja. Na época, havia apenas dez antiquários no Rio.

A Snob pertencia a Paulo Afonso de Carvalho Machado, que era o maior *expert* do país em antiguidades. Ele escreveu o livro Antiguidades do Brasil, o primeiro publicado em português sobre o assunto. Com a entrada do Pedro, que tinha experiência internacional, houve o *boom* da Snob, relata Paulo.



"Quando Paulo Afonso morreu, há 20 anos, Pedro trouxe a Snob para o shopping, que já tinha alguns antiquários. Mas o Pedro trouxe uma clientela da alta sociedade carioca, que não tinha o hábito de frequentá-lo, e começou a colocá-lo na mídia. Hoje ele é conhecido internacionalmente. É também um atrativo do Rio para turistas estrangeiros e um fornecedor de antiguidades para outros estados", destaca.

Paulo se juntou ao irmão depois de trabalhar durante 20 anos como representante de uma empresa japonesa, que foi pioneira no fornecimento de couro artificial e desistiu do Brasil com a chegada de Collor ao Governo, em 1990. Ele decidiu, então, vir para o Rio e abriu sua própria loja no shopping. Hoje é o principal antiquário do local.

"Não compro nada em leilão. Adquiro tudo em casas de particulares. Os herdeiros procuram

"Inicialmente a loja do shopping vendia mobiliário *art decô* do começo do século XX e depois relançou o moderno mobiliário brasileiro no mercado, obtendo enorme sucesso"

Ricardo Duarte, proprietário da galeria Graphos Brasil

os antiquários e nós somos os primeiros a ser chamados. A mercadoria que entra aqui é de primeira mão, não passou por leilões ou outros antiquários", afirma.

Entre as galerias de arte do segundo andar destaca-se a Graphos Brasil. Seu proprietário, Ricardo Duarte, conta que inicialmente a loja do shopping vendia mobiliário *art decô* do começo do século XX e depois relançou o moderno mobiliário brasileiro no mercado, obtendo enorme sucesso com peças de Sérgio Rodrigues, Joaquim Tenreiro e outros.

Ele desistiu de trabalhar com móveis porque encontrar peças em bom estado ou ainda em condições de serem restauradas ficou cada vez mais difícil e também pela escassez de uma mão de obra que está se extinguindo.

A Graphos é uma megagaleria de 300 metros quadrados que unifica 11 lojas de quatro proprietários. Antes de ser uma loja de design, o espaço abrigava um clube masculino, um verdadeiro bordel que foi fechado pelo Ministério Público.

A galeria tem uma atitude provocadora. "Comecei a trazer artistas consagrados para o Brasil como uma forma de dar uma sacudida nas pessoas. O brasileiro tem pago muito caro por coisas sem valor. Hoje você compra um jovem artista brasileiro pagando 40 mil, 45 mil reais, e um jovem artista italiano que participou da Bienal de Veneza pagando 8 mil", diz Ricardo.

Além de trabalhar com artistas da Itália, Portugal, Escócia e Alemanha, Ricardo também trabalha com artistas brasileiros com os quais sempre manteve contatos, entre eles Waltércio Caldas, Carlos Vergara e Vik Muniz. Mas nenhum deles é exclusivo.

Rampa futurista projetada por Mindlin

"Existe hoje um conceito de representação de artistas que é uma aberração. O que as galerias fazem com os artistas, mantendo-os presos a um contrato, é quase uma escravidão. Num país gigantesco como o Brasil, é uma pretensão uma galeria dizer que vai vender o artista em tudo quanto é lugar", afirma Ricardo.

Preciosidades de um shopping singular

Ao entrar no Shopping Cidade de Copacabana o visitante se depara com cinco largos e longos corredores, de pé-direito altíssimo, pelos quais se pode caminhar sem a sensação de aperto e claustrofobia experimentada em outros shoppings. A ventilação é assegurada por centenas de pequenos ventiladores presos ao teto e que conferem charme especial ao local. No segundo andar há ampla varanda com vista até para o Cristo.

No centro do primeiro andar, há um amplo hall em cujas paredes estão enormes painéis com fotos da praia de Copacabana nos anos 1950 e 1960. A maior atração dali é a vista da belíssima rampa elíptica, ao estilo do museu Guggenheim de Nova York, que vai do estacionamento no subsolo ao terceiro andar, onde fica a igreja Santa Cruz dos Militares — o espaço restante do andar acaba de ser adquirido por um vizinho ilustre, o hospital Copa D'Or.

O shopping foi projetado por Henrique Mindlin, um dos maiores arquitetos da época, parceiro de Afonso Reidy na construção do MAM. Seu layout foge aos padrões regulares da arquitetura. O prédio, arrojado para a época, tem concepção futurista.

Não há outro igual a ele. Em suas 270 lojas misturam-se o antigo, o clássico, o retrô, o kitsch e o contemporâneo, com um resultado descolado e extra cool. Há de tudo, mas de tudo mesmo, nessas lojas. Difícil é dizer o que não se acha no shopping. E há muitas coisas que só se encontram lá.

Lembra daquele sininho que sua avó usava para chamar a empregada à mesa e das bandejas de prata usadas para servir as refeições e que depois eram polidas com Silvo? E dos pratos de pendurar na parede? Tem lá, da mesma forma que um baleiro de antigamente que hoje só se consegue achar em alguma birosca do interior.

Que tal uma máquina de escrever, uma filmadora, um toca discos ou uma junk box dos anos 50? Ou um rádio ou um telefone de tempos ainda mais remotos? Tem uma loja lá que só vende essas coisas. Em outra se pode comprar — e também vender — long playings de vinil.

Há uma manicure que faz unhas artísticas, uma loja especializada em ferragens rústicas que vende lindos portões de ferro de demolição e outra que oferece de tudo para quem faz artesanato. Muitas lojas — como a Brito Mosaicos, que vende espelhos, caixas, bolsas e bijuterias; a Vitorino, de porcelanas; e a Rio Arte Brasil, de molduras, que faz pátina, decapê e provençal — dão cursos aos interessados. Há ainda a "Ophicina Restauros", de Elio Aguilar, que há 20 anos ali restaura móveis e molduras e cuja clientela é composta principalmente pelos antiquários.

Algumas lojas exibem em suas portas frases interessantes, como esta, do Dalai Lama: "Só existem dois dias da semana em que você não pode fazer nada pela sua vida: ontem e amanhã". Ou esta outra, do Greenpeace: "Quando a última árvore tiver caído; quando o último rio tiver secado; quando o último peixe for pescado, vocês vão entender que dinheiro não se come". (J.P.)

Pobres teatros ricos

O Shopping Cidade de Copacabana tem uma rica história cultural. Nele funcionaram os teatros Opinião e Tereza Rachel, o Terezão. O Opinião foi criado logo após o golpe de 64 por um grupo de artistas ligados ao Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, que fora colocado na ilegalidade. Inaugurado em dezembro de 1964, tornou-se um foco de resistência à ditadura.

Seu primeiro e mais conhecido espetáculo foi o musical *Opinião*, no qual uma garota da classe média intelectualizada, um imigrante nordestino e um sambista de morro contavam suas histórias. A direção era de Augusto Boal, do Teatro de Arena de São Paulo, que havia sido criado em 1953 e foi o mais importante do país nas décadas de 50 e 60. No elenco estavam Zé Keti, João do Vale e Nara Leão, depois substituída por Maria Bethânia.

Seguiram-se outros espetáculos memoráveis, como *Liberdade, Liberdade*, um roteiro com cenas de peças, poemas e canções, em 1965, e *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*, de tom farsesco e irreverente, baseado na tradicional cultura nordestina, em 1966.

A partir de 1967 ocorrem desentendimentos entre o grupo fundador. Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes desligam-se do grupo para fundar o Teatro do Autor; aos poucos, outros integrantes vão também se afastando. Em 1969, o teatro passa a ser alugado para produções independentes, até seu fechamento, em 1982. Após passar por uma reforma, reabriu no final daquele ano com o nome de Teatro de Arena. Mas não tinha forma de arena e nem era ligado ao grupo paulista.

Projetado em 1958 pelo arquiteto Henrique Mindlin, da mesma forma que o shopping, o Tereza Rachel foi inaugurado em 14 de outubro de 1971 pela atriz que lhe dá o nome, com um show de Gal Costa. Em seu palco, vários sucessos foram apresentados, entre eles *Arena canta Zumbi*, *A visita da velha senhora*, *Os fuzis da senhora Carrar*, *Um bonde chamado desejo* e os musicais *Gota d'água*, *A Chorus line* e *Rock horror show*.

O Terezão virou templo da Igreja Universal do Reino de Deus entre 2001 e 2008. Em 2004, foi tombado pela prefeitura. Entre 2008 e 2011, o espaço foi usado por Cláudio Botelho e Charles Möeller como local de ensaios e seleções de elenco dos musicais produzidos pela dupla.

Paraísos para as papilas

por **Vera de Souza**

Os amantes da boa mesa não vão ter do que reclamar dos alucinantes acepipes que podem ser degustados nos restaurante à beira-mar, em Copacabana e Ipanema. A temporada é de novidades, com promessas de acentuado prazer para todos os gostos. Recomenda-se que os frequentadores sigam um pequeno ritual: olhem para o mar; a seguir, sirvam-se da iguaria; fechem as pálpebras e apurem o paladar. Pronto! Ao abrir os olhos, eis que estará sentado e redivivo o próprio Apicius, mito da gastronomia carioca.

Divulgação

The View, no quarto andar do hotel Windsor Atlântica

Para fazer do pós-praia uma bela continuação de um delicioso dia, nada melhor do que dicas de restaurantes à beira-mar, ideais para um lanche ou aquele almoço tardio, como reza a tradição. Para acompanhar, uma taça de borbulhas.

De frente para o Posto 9, em Ipanema, o Gabbiano al Mare, comandado pelo *chef* Romano Fontavine, é das melhores opções, com dicas bem leves no cardápio, como convém à estação. Os destaques vão para o duo de salmão marinado com pimenta e coentro ou, ainda, a massa sem glúten ao molho de tomate e manjericão. Este último, pode ser apreciado também em meia porção.

Se a ideia é apreciar a bela vista da Princesinha do Mar, as opções são várias. A grande novidade fica por conta do restaurante Sá, no térreo do hotel Miramar by Windson, na Avenida Atlântica. No menu, elaborado pelo jovem *chef* Paulo Goés, a dica imperdível para uma esticadinha depois da praia é o *brunch* da casa. Há muito o que degustar: uma estação de ovos, tapiocas, além de um bufê com vários tipos de pães, bolos e até gateau ao chocolate. Destaque para o gravlax (salmão curado da Escandinávia) e o presunto pata negra ibérico. E para os amantes das borbulhas, espumante Brut para acompanhar.

Mais adiante, no quarto andar do hotel Windsor Atlântica, antigo Méridien, com uma das mais belas vistas da praia de Copacabana, está um restaurante que não podia ter outro nome, The View. Com buffet variado, é ponto de encontro de cariocas e turistas que não se cansam de se encantar com a vista do local. Aos domingos, serve um dos mais concorridos *brunchs* da cidade, com uma grande variedade de comidinhas quentes e frias. As possibilidades são muitas: indo da estação japonesa aos grelhados. E para acompanhar todos os acepipes, lá estão elas de novo, as borbulhas de um espumante.

Erik Bastos

Os destaques do Gabbiano al Mare, de frente para o Posto 9, vão para o duo de salmão marinado com pimenta e coentro ou, ainda, a massa sem glúten ao molho de tomate e manjericão

No Alloro é possível experimentar uma seleção premiada de pratos da culinária italiana

No térreo do mesmo hotel, fica o restaurante Alloro. Ali, sob o comando de Luciano Boseggia, é possível experimentar uma seleção premiada de pratos da culinária italiana, como os famosos risotos do *chef* ou outros pratos à base de frutos do mar, para serem apreciados com a vista do calçadão do Leme.

Uma experiência, sem dúvida, inesquecível para quem quer aliar uma ida às mais belas praias da Cidade Maravilhosa à boa gastronomia.

Sá, no térreo do hotel Miramar by Windson

Divulgação

Grupo ENGEVIX
Crescendo junto com o Brasil

Grupo Engevix atua nas áreas de engenharia, nergia, infraestrutura e construção marítima. través de suas principais empresas - Engevix, esenvix, Ecovix e Infravix - opera no mercado rasileiro desde 1965, consolidando-se como um rupo empresarial de destaque nos cenários acional e internacional.

GRUPO
ENGEVIX
www.grupoengevix.com

Pro dia nascer feliz!

ensaio fotográfico de

MARCELO CARNAVAL

a dama da noite

por **Mônica Sinelli**

O assunto é garantir prestígio e animação em festas e áreas vips de grandes eventos nacionais e internacionais? Então, não há como fugir das mãos dessa carioca do Alto da Boa Vista, sinônimo de excelência quando se trata de combinar fatores essenciais para a criação de momentos inesquecíveis. Aqui, a *promoter* Liège Monteiro, dona de uma poderosa agenda com mais de 16 mil nomes, fala da vida nos bastidores dos agitos na cidade.

Na casa-escritório de Ipanema — que divide com o marido e sócio, o jornalista Luiz Fernando Coutinho —, ela conta que começou a trabalhar como produtora de cinema aos 14 anos. Em 1970, deu início ao que se tornaria uma das maiores bilheterias das telas nacionais: *A dama do lotação*, dirigido por Neville d´Almeida, pai de seus filhos Jade e Tamur. "Entre comprar os direitos do autor, Nelson Rodrigues, levantar os recursos financeiros e gravar, foram oito anos. Numa época em que o normal era distribuir um título com apenas cinco cópias, cometi o abuso, pressentindo que o filme bombaria, de estrear com nada menos que 100 no Brasil. Ninguém acreditou, disseram que eu estava louca. Mas foi o máximo, êxito total. Trabalhei com a maioria dos diretores, até que o governo Fernando Collor fechou a Embrafilme, no princípio da década de 1990, e eles foram buscar um segundo meio de sustento."

Dois anos antes da iminente crise na área cinematográfica, Liège já havia também inaugurado uma nova profissão. E não na advocacia, em que se formou, embora nem a carteira da OAB tenha chegado a providenciar. Nelson Motta a chamara para atuar como relações públicas de uma nova boate que abriria no Leblon: African Bar, exótica casa noturna num pacato endereço do bairro, com bananeiras e um toldo de estampa de onça na entrada. Sucesso instantâneo; madrugada após madrugada, filas, engarrafamentos e buzinadas trepidavam a então tranquila rua Venâncio Flores.

"Eu conhecia todo mundo, porque convidava as pessoas para o lançamento dos filmes. Não sou da noite — pelo contrário, completamente

Arquivo Pessoal

Liège ao lado de Ivo Pitanguy e Christiane Torloni, de quem é empresária, no jantar de seu aniversário, em 2008

diurna, às 9 da manhã estou ligada —, nem bebo álcool. Mas sempre adorei gente, conversar. E topei. O lugar era incrível. Naquele tempo, mulher não frequentava boate sozinha. Lá, sim. Batiam ponto Maitê Proença, Vera Fisher, Betty Faria, Sandra de Sá, Bebel Gilberto, Cazuza, Luiz Melodia, meu grupo de estudos de filosofia (incluindo Marina Lima) e até o chefe de Polícia do estado, Hélio Saboya, a quem convidei para assistir ao maravilhoso show do Johnny Alf. No entanto, sob a alegação dos engarrafamentos causados, a casa vivia abrindo e fechando, por meio de liminares, até que, alguns meses depois, precisou sair definitivamente dali."

quebra-cabeças

Em 1990, Liège — que atuou como modelo em Londres — já está à frente de seu escritório de organização de eventos e *mailing* VIP, assessoria de imprensa e agenciamento artístico. Dali, saem as fórmulas infalíveis para o êxito de qualquer evento no Brasil ou no exterior — como o *1st Brazilian Night in Monaco*, realizado em maio, com as presenças do príncipe Albert e Ronaldo Fenômeno: trabalho meticuloso, disciplina e dedicação absoluta.

O extenso e diversificado portfólio acumula shows de Stevie Wonder e Gilberto Gil, Eric Clapton, Sade, Jennifer Lopez, Gal Costa, Maria Bethânia, Rita Lee, Iron Maden, Black Eyed Peas, U2 e Amy Winehouse. No cinema, pré-estreias como *Sherlock Holmes: O jogo de sombras* e *Os pinguins do papai*, com as presenças, respectivamente, dos atores Robert Downey Jr. e Jim Carrey; e Jean-Paul Gaultier — *Quebrando as regras*, documentário exibido no Festival de Cinema do Rio (do qual assina a assessoria de imprensa e as listas de convidados para as festas, a partir da noite de gala). O mundo da moda aparece, por exemplo, com o Fashion Business e o lançamento do perfume The Secret, de Antonio Banderas, com

Fotos: Arquivo Pessoal

Liège Monteiro e o marido, Luiz Fernando Coutinho, levaram Tom Cruise e família para conhecer a Ilha dos Porcos Grande, de Ivo Pitanguy, em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. Os dois assinaram a lista VIP da pré-estreia do filme *Operação Valquíria*, protagonizado por Tom Cruise

o ator espanhol em pessoa, no Palácio da Cidade. No cenário televisivo, destaca-se a elaboração de *casting* especial para as novelas *Celebridade* (2003), *Paraíso Tropical* (2007) e *Insensato Coração* (2011), da Rede Globo, em que nomes famosos — como Zeca Pagodinho, Roberto Carlos, Gal Costa, Alanis Morissette, Simone, Ed Motta, Joãosinho Trinta e a banda Simply Red — participam de eventos na ficção.

"Ser promoter não é fácil. Só aceito trabalhar num evento a que eu própria gostaria de ir, em termos de qualidade e conforto. Este representa o primeiro critério. A lista de convidados deve misturar pessoas de profissões diversas. E animadas — não dá para atrair aquelas que estão

Com Luiz Fernando, ao lado do Príncipe Albert de Mônaco. O casal esteve à frente do gala *1st Brazilian Night in Monaco*, que aconteceu este ano no principado de Mônaco

eternamente com uma nuvem sobre a cabeça. Se queremos a presença de uma personalidade, que quase nunca sai de casa, e que sozinha se sentirá deslocada em determinado ambiente, chamamos também um amigo seu, não necessariamente vinculado àquele *métier*, para que se sinta à vontade. E sempre o planejamento leva em conta que seria interessante essa pessoa conhecer uma terceira, do ponto de vista profissional — nunca sentimental; não promovemos encontros de casais", brinca Liège, afirmando que inúmeros projetos artísticos resultaram dessas aproximações.

Ela complementa: "Torna-se um grande prazer quando parcerias resultam de uma reunião que idealizamos, porque tudo é bastante pensado, como num quebra-cabeça, no intuito de que ocorra o entrosamento pretendido. Cada evento tem um perfil e, em decorrência, sua lista específica, discutida caso a caso, sem uma classificação prévia, uma turma fixa. Convidamos um a um, via telefone e e-mail personalizado. Enviar uma única mensagem para todo um grupo não é atencioso, e gentileza é uma coisa bacana. As pessoas são especiais. E não vejo problema em alguém me pedir um convite. Só por querer muito comparecer já indica entusiasmo, um bom sinal de que irá somar. E se eu tiver condições, vou atender. Do contrário, me desculpo sinceramente quanto à impossibilidade. Acontece, também, de pessoas me perguntarem o motivo de não haver sido convidadas para tal festa. Respondo, igualmente, com honestidade: porque não tinha nada a ver com você. E não tinha mesmo", pontua a responsável pela atração de celebridades ao camarote da escola de samba Grande Rio.

nem lantejoula, nem purpurina

Além de assessoria de imprensa para estrelas, como Vera Fisher e Christiane Torloni, Liège Monteiro atua ainda na produção de grandes eventos. E, embora enlaces matrimoniais não costumem figurar no cardápio da casa, cita, pela amizade com o cliente e complexidade logística das operações, o de Helcius Pitanguy, em Angra dos Reis. "O casamento religioso era numa ilha bem pequena, onde só havia uma igrejinha. E a festa, na ilha dos Porcos, na casa do professor Ivo Pitanguy, pai do noivo, que, com razão, preserva a área como um santuário ecológico. Portanto, a montagem integral de um novo espaço, em cima da quadra de tênis, que incluía a execução de caminhos até lá e instalação de gerador e banheiros químicos, precisou ser feita sem a mínima interferência na natureza — nada podia macular a grama. E tudo perfumado por muito incenso,

Com Keith Richards em uma festa para os Rolling Stones na casa de Olavo Monteiro de Carvalho, em Santa Teresa

porque adoro cheiros. Tivemos que hospedar convidados vindos do mundo inteiro e providenciar seu translado, por barcos e helicópteros; contratar buffet, garçons. Sem falar nos muitos detalhes, à imagem dos protocolos do cerimonial da realeza e os diferentes termos de tratamento hierárquico, em diversos idiomas, para o envio dos convites. Mas valeu, deu tudo certo."

Encontros em outras línguas, aliás, se avolumam na bagagem da promoter — que, nas horas vagas, gosta de caminhar na praia e ver exposições no Centro da cidade. Como a singular relação que mantinha com o artista plástico norte-americano Andy Warhol. "Ficávamos, cada um em seu respectivo apartamento em Nova York, assistindo ao mesmo filme e tecendo comentários a respeito por telefone, durante o desenrolar das cenas." Enquanto aponta na parede da sala para quadros que ganhou do cineasta espanhol Carlos Saura, durante um Festival do Rio, com *story-boards* de seus filmes *Goya em Burdeos* (1999) e *Iberia* (2005), Liège se analisa: "Sou animada em qualquer situação, acordo de manhã cedo dando bom dia às plantas. Sem lantejoula, nem purpurina, amiga de crianças e velhos — os sábios a quem adoro. Uma pessoa a favor da vida." Certamente, uma convidada dos sonhos.

"Ser promoter não é fácil. Só aceito trabalhar num evento em que eu própria gostaria de ir, em termos de qualidade e conforto"

monicasinelli@globo.com

M.BR/SUSTENTABILIDADE

OI.
PATROCINADORA
OFICIAL.

A VIDA ÚTIL DO SEU CELULAR ACABOU? PARA A GENTE, NÃO.

TRAGA SEU APARELHO
E SUA BATERIA ANTIGOS PARA
RECICLAGEM NUMA LOJA OI.

nbs

A Oi tem compromisso com a natureza. O Programa Oi de Sustentabilidade tem várias iniciativas voltadas para um futuro melhor. Não é à toa que a Oi permanece pelo sexto ano no ISE - Índice de Sustentabilidade Empresarial e pelo quarto no ICO2 - Índice Carbono Eficiente, da BM&FBovespa. Em 2013, a Oi passou a fazer parte da carteira do Índice Dow Jones de Sustentabilidade, na categoria Mercados Emergentes. É a Oi fazendo a parte dela, para você fazer a sua. Consulte os pontos de coleta em **www.oi.com.br/coletadebaterias**

Fiorentina, aqui me tens de regresso

por João Penido

Na entrada, em frente à praia do Leme, há uma estátua em bronze de Ary Barroso, expoente do samba-exaltação e frequentador assíduo do local, junto com centenas de artistas do teatro, da TV e do cinema. Esse público tornou o restaurante La Fiorentina um ícone da cidade, notadamente nas décadas de 1960 e 1970. A casa é citada em todos os livros sobre o Rio e até hoje "abre a cortina do passado". Só faltou Ary "cantar-te em meus versos", como fez em *Aquarela do Brasil*.

"O La Fiorentina é mais que um restaurante. Tornou-se uma referência cultural do Rio. É a La Coupole brasileira", afirma seu proprietário, o empresário Omar Peres. O La Coupole (A Cúpula) é a *brasserie* francesa mais conhecida no mundo, uma joia da *art déco* construída em 1927 e que se tornou o símbolo de Montparnasse e ponto de encontro de "toda a Paris, que dança, canta, cria e pensa", conforme escreveu um biógrafo.

Frequentado desde o início por pintores e suas modelos, escritores como Camus, Joyce, Simenon e Henry Miller, por cantoras-vedetes como Mistinguett e intelectuais como Sartre e Breton, o La Coupole tem mosaicos de inspiração cubista, e suas 33 pilastras que imitam mármore são adornadas com pinturas de mestres que despontavam, como Picasso, Matisse e Léger. O restaurante está listado no Registro de Documentos Históricos da França.

O La Fiorentina, aberto em 1957, não chega a tanto. O que liga os dois restaurantes é o fato de serem frequentados por gente famosa e se tornado uma referência em suas cidades. Suas paredes são cobertas por um precioso acervo fotográfico de atores, músicos e escritores, e suas seis pilastras estão abarrotadas com as assinaturas de personalidades.

A lista é tão extensa que Omar Peres garante só lhe faltarem as de dois artistas importantes: Roberto Carlos e João Gilberto. Ele conta que já combinou com o "Rei" de ele passar por lá em hora de pouco movimento, para não fechar o trânsito na avenida Atlântica, e deixar o seu garrancho. Já

La Fiorentina
La Fiorentina

O La Fiorentina é parte da história da cidade, citado em todos os livros sobre o Rio

em relação a João Gilberto, que tem fama de difícil, ele brinca: "Só se eu levasse uma pilastra para ele assinar em casa."

O Fiorentina é um restaurante de ambiente agradável, muito bem localizado, que serve massas, carnes e peixes a preços moderados (variam de R$ 32 a R$ 80). Todos os pratos têm nomes de personalidades. Há, por exemplo, o Penne al samone Luana Piovani, o Risoto al funghi Tonia Carrero, a Canja di frutti di mare Bibi Ferreira, o Filé mignon Aderbal Freire Filho e o Filé de peixe Alberto Dines — todos preparados ao gosto de seus patronos.

Omar Peres ressalva que ninguém vai ao La Fiorentina para comer um prato específico. "As pessoas vêm aqui para encontrar amigos e 'comer alguma coisa'. Não há *pièce de resistance*". E acrescenta que o restaurante não é um local de tietagem: "Aqui entram artistas e ninguém pede autógrafo. Quem frequenta é o carioca, sobretudo o pessoal do teatro, da TV e do cinema. É muito difícil encontrar um turista estrangeiro."

A maior obstinação de Omar — "quase uma religião", ele diz — é conservar a história da casa e manter seu tradicional vínculo com a cultura, consubstanciado no apoio a mais de 500 peças de teatro.

Empresário oriundo do setor naval (do qual

já se desligou), e que se prepara para construir "o primeiro hotel seis estrelas do Rio", também na avenida Atlântica (veja boxe), ele está acostumado a comprar e vender empresas, entre elas o Estaleiro Mauá e a Netumar. "A única que não vendo é a Fiorentina, filha única de mãe solteira", garante. Ele também não abre filiais — "seria uma falsificação fazer um Fiorentina na Barra" — nem admite franquias — "e olha que me pedem!".

Sua obstinação em conservar é mais do que justificada. O La Fiorentina é parte da história da cidade, citado em todos os livros sobre o Rio. Omar Peres está ligado ao restaurante desde o início, por ser enteado de seu fundador, Sylvio Hoffmann. Na época, Sylvio era casado com Zélia Hoffmann, uma atriz do teatro de revista que atuou nas companhias de Walter Pinto e Carlos Machado e que se destacou

"O La Fiorentina foi criado com o apoio da classe artística. Vinham jovens como Daniel Filho, Maurício Sherman, Norma Bengell e Chico Anysio, todos com vinte e poucos anos"

Omar Peres, proprietário do La Fiorentina

também por ser a eterna campeã dos concursos de fantasias de carnaval do Teatro Municipal.

Após os espetáculos, Zélia trazia para o La Fiorentina todas as suas colegas, que eram as grandes vedetes da época, como Iris Bruzzi e Carmem Verônica. E atrás delas vinham jovens artistas e aspirantes ao estrelato.

"O Fiorentina foi criado com o apoio da classe artística. Vinham jovens como Daniel Filho, Maurício Sherman, Norma Bengell e Chico Anysio, todos com vinte e poucos anos. Quando estava nascendo a TV brasileira eles fizeram do restaurante o grande palco da TV e do teatro", diz Omar, que reabriu a casa no ano 2000.

O restaurante havia ficado fechado durante oito anos, em decorrência de um incêndio ocorrido em 1987. Uma equipe de restauradores conseguiu recuperar boa parte das assinaturas. Aos poucos, ele voltou o ser frequentado por artistas. Desde 2012, funciona 24 horas por dia e serve café da manhã.

Há milhares de histórias pitorescas sobre o La Fiorentina, contadas por seus frequentadores e compiladas no livro *Noites cariocas*, organizado pelo jornalista Fritz Uzeri, que foi diretor de Redação do *Jornal do Brasil* na fase semifinal da edição impressa.

Em seu próprio depoimento, Fritz diz que o restaurante nasceu predestinado a ser especial, fora do comum, mágico. "Diz a lenda que o Sylvio Hoffmann comprou o Fiorentina (que antes era um bar chamado Furna da Onça) depois de vender um guardanapo assinado por Picasso. Certa vez, na Europa, ele pagou um jantar para o pintor que, agradecido, desenhou no guardanapo."

No La Fiorentina começaram e terminaram grandes romances. "O pessoal que hoje tem mais de 60 anos ia para lá para paquerar", lembrou o produtor teatral Djalma Limongi, que foi relações-públicas da casa. "Muitos namoros começaram ali. Bibi Ferreira e Paulo Pontes, Jorge Dória e Íris Bruzzi, Daniel Filho e Dorinha Duval. Outros só queriam uma transadinha, mas gostavam e casavam ou então perdiam a garota para alguém."

A estátua de Ary Barroso em frente ao La Fiorentina

Bibi Ferreira conta que no La Fiorentina "sempre alguém estava com outro". Seu amigo Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, descrito como um homem casado, muito bonito e bem paquerado, teve "casos quentes" com as atrizes Odete Lara e Maria Lúcia Dahl.

"Quem quisesse trabalhar, saber das intrigas e traições, arrumar casamento, pendurar contas, tinha que ir para lá. Era uma alegria só. Todo mundo se conhecia", diz Íris Bruzzi.

Histórias inacreditáveis envolvem artistas estrangeiros. Íris conta que uma noite Amália Rodrigues ficou parada na entrada do La Fiorentina com um pequeno cortejo. Só entrou, como uma rainha, depois de todos se levantaram. Foi preciso Walter Pinto avisar aos que ali estavam que em Portugal todos se levantavam para que ela entrasse.

Fábio Sabag conta que Brigitte Bardot passou várias noites lá com o namorado brasileiro Bob Zagury. Na primeira, havia gente em cima das árvores em frente ao restaurante. Na segunda, o sucesso foi menor. Na terceira, Edu da Gaita irritou-se: "O que essa chata vem fazer aqui todas as noites?".

Daniel Filho jura que um dia viu Rita Hayworth saindo do La Fiorentina e pondo-se à espera de um táxi, solitária na chuva, "uma imagem melancólica". "Ninguém foi capaz de levantar e oferecer uma carona para Gilda. E o mundo sabe: nunca houve uma mulher como Gilda. Nunca!". No Brasil, constatou Daniel, a fama dura pouco. Todo mundo tenta desmoralizar tudo que acontece.

Nesse sentido, Omar Peres lembra a história que mais o envaidece. Certa vez, em 1963, Anselmo Duarte chegou ao restaurante e anunciou em alta voz que havia acabado de ganhar mais um prêmio internacional pelo filme *O pagador de promessas*, que já levara a Palma de Ouro no Festival de Cannes. Um diretor que estava em seu grupo de cinema gritou: "Chega de Pagador, pombas. Faça outro!" No que Anselmo comentou: "Ganhar a Palma de Ouro é fácil. Difícil é agradar na Fiorentina."

Bons tempos, aqueles.

Divulgação

Casa de Pedra

Um hotel seis estrelas

Omar Peres está prestes a iniciar a construção, na avenida Atlântica, do "primeiro hotel seis estrelas do Rio", ou seja, um hotel que terá serviços que os cinco estrelas não oferecem.

Por exemplo, ao chegar à cidade, o hóspede será apanhado no aeroporto por um carro de luxo; ao chegar ao hotel, terá à disposição um mordomo bilíngue só para ele, 24 horas por dia, que poderá fazer compras e arrumar o armário; e não pagará pelas bebidas consumidas em seu apartamento, nem por usar o spa que haverá no terraço.

A diária custará US$ 1 mil, que é o preço médio cobrado por hotéis cinco estrelas em todo o mundo. Deverá estar pronto em abril de 2016, pouco antes do início da Olimpíada.

No início de novembro, Omar foi a Londres levar a planta do terreno para a arquiteta Zaha Hadid (foto abaixo), uma das mais premiadas do mundo, responsável por obras gigantescas, como o Aeroporto de Pequim, o MAM de Roma e o Parque Aquático de Londres.

Divulgação/Alberto Heras

Zaha Hadid

Nascida no Iraque, Zaha Hadid é uma das expoentes da corrente desconstrutivista, marcada pela fragmentação e pela não linearidade nos projetos. Ela fará o projeto do hotel. "Será o prédio mais bonito da cidade", garante Omar.

Ele acredita que o empreendimento chega no momento certo, pois o Rio, assegura, tem poucos hotéis cinco estrelas e nenhum de altíssimo nível como os existentes em todas as grandes capitais, com exceção do Copacabana Palace.

O hotel terá 12 andares e cerca de cem apartamentos. Trata-se de uma sociedade entre Omar Peres e o empresário Germán Efromovich, dono da Avianca. Cada um tem 50%. Os dois já trabalharam juntos. Omar foi Conselheiro da Avianca Brasil.

Ambos têm experiência no ramo. Omar foi dono do Hotel Portinari, na Rua Francisco Sá 17, o primeiro hotel design da cidade, com apartamentos decorados por dez renomados arquitetos, e também do Solar do Império, em Petrópolis. Efromovich, por sua vez, possui uma rede hoteleira na Colômbia.

Para erguer o hotel, a dupla investiu R$ 32 milhões na compra da antiga Casa da Pedra, na avenida Atlântica 2.692, quase na esquina com a rua Santa Clara, demolida em outubro passado. Foi a última das raríssimas casas da orla a resistir às ofertas milionárias do mercado imobiliário.

Desde 1917, quando se mudou para lá, sua proprietária Zilda Azambuja Canavarro Pereira desenvolveu uma ligação afetiva com a casa e decidiu que em vida jamais a deixaria. E assim ocorreu. Ela morou 94 anos na casa, entre inúmeras obras de arte, até sua morte, em maio do ano passado, aos 101 anos.

Madame Canavarro, como era conhecida, foi uma das grandes damas da sociedade carioca, descrita como uma mulher linda, inteligente, poderosa e digna. Muitos estranham o fato de sua casa nunca ter sido tombada.

Nem mesmo o melhor release chega a ser uma pintura.

Já uma boa ideia enche de cor sua comunicação.

Insight

Rio de Janeiro • Rua do Mercado 11 - 12º andar • Praça XV • Rio de Janeiro, RJ • CEP 20010-120 • Tel: (21) 2509-5399
São Paulo • Rua Bela Cintra, 746 - Conjunto 71 • Consolação • São Paulo, SP • CEP 01415-002 • (11) 3284-6147

www.insightnet.com.br

Sou tricolor de coração

Wagner Victer
Engenheiro e presidente da CEDAE

Divulgação/Cedae

Sou carioca do Estácio. Aos cinco anos mudei para a Ilha do Governador e me considero um insulano. A Ilha é um bairro tradicional, onde viveram Vinícius de Moraes, Rachel de Queiroz e Renato Russo, além de grandes jogadores, como Nilton Santos, Didi e Garrincha. Participo, há muito, da vida no meu bairro e sou frequentador da União da Ilha, para a qual já compus sambas-enredo. Fiz ainda sambas para a Santa Cruz e para a Vila, tendo Martinho como parceiro. Um dos sambas foi o do ano em que a Vila subiu.

Sou funcionário de carreira da Petrobras e, desde 1998, estou licenciado. Passei pela Secretaria de Energia do estado e pela Light, e sempre acreditei que tanto o gestor público como o privado têm que aproveitar a oportunidade de poder contribuir com a cidade. E é isso o que procuro fazer. Na Secretaria, tive a chance de fazer um trabalho muito interessante de iluminação artística de uma série de patrimônios: Theatro Municipal, Palácio Pedro Ernesto, Casa França-Brasil, igreja da Candelária e Real Gabinete Português de Leitura, entre outros. Além desses, um dos trabalhos que me deu muito orgulho foi o de coordenar o cabeamento subterrâneo de Paraty. Aquela cidade, com o casario lindo, tinha sua beleza comprometida pelo emaranhado dos fios dos postes.

Quando cheguei à Cedae fui além do trabalho regular e consegui que restaurássemos o reservatório do Rio D'Ouro, em Nova Iguaçu, e o do Engenho de Dentro. O próximo é o Carioca, em Santa Teresa. O Rio D'Douro é uma verdadeira joia em meio à Mata Atlântica, na Reserva Biológica do Tinguá; está cercado de palmeiras imperiais e tem uma fonte criada pelo escultor que foi mestre de Auguste Rodin, Albert-Ernest Carrier Belleuze. Por tudo isso, o local não estará frequentemente aberto à visitação. Haverá datas específicas para que estudiosos possam agendar suas visitas.

A grande novidade é que no primeiro semestre de 2014 vamos entregar o Centro Cultural Casa das Águas, na rua do Riachuelo. O prédio, antiga sede da Inspeção Geral de Obras Públicas, estava abandonado e, certamente, ia pegar fogo. Conseguimos restaurá-lo, e a próxima etapa será colocar o seu seu acervo, que contará a história das águas no Rio de Janeiro. O local faz parte do projeto Caminho das Águas.

Sou um defensor da recuperação do patrimônio. Não consigo realizar todos os meus planos para o Rio porque o passivo é muito grande, resultado da falta de ação por décadas.

O fato é que o Rio é um lugar sensacional, com o Theatro Municipal, que é um luxo, a Floresta da Tijuca, que adoro. O carioca tem que se comprometer com a sua cidade. Isso para mim é o ponto final.

ANS – nº 006246

O aplicativo não faz parte do seguro contratado e pode ser descontinuado a qualquer momento, sem aviso prévio.

Aplicativo SulAmérica Saúde. Seu seguro-saúde no celular.

O aplicativo SulAmérica Saúde tem uma série de funcionalidades para tornar o dia a dia dos segurados ainda mais ágil. Conheça algumas facilidades:

- Carteirinha digital
- Localização da rede referenciada por geolocalização
- Consulta ao status de reembolso
- Status da validação prévia de procedimentos (novo)
- E muito mais

Baixe agora. É grátis!

Available on the App Store

ANDROID APP ON Google play

Ouvidoria: 0800 725 3374

SulAmérica

associada ao ING

sulamerica.com.br

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.

O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.

BEBA COM MODERAÇÃO

www.reserva51.com.br